

Era Uma Vez Uma Cidade Chamada Amadora...

Morais, A.*

RESUMO:

O presente artigo vai debruçar-se sobre a História da Amadora enquanto localidade e a sua evolução sócio demográfica até se tornar cidade, bem como acerca do tipo de população que aí se instalou, principalmente a partir dos anos 50. Apresenta-se uma história de vida de uma família de um bairro degradado. Caracteriza-se através de dois testemunhos de Assistentes Sociais da vivência dos cabo-verdianos noutra bairro degradado.

Por último descreve-se o que deu origem à exclusão social de uma franja da população e uma conclusão sobre o Concelho.

Palavras-Chave: História da Amadora; População; Migrantes e Imigrantes; Bairros degradados e de realojamento; Exclusão Social.

ONCE UPON A TIME A TOWN CALLED AMADORA ...

Abstract:

The current paper will focus on the History of Amadora whilst a locality, and its socio-demographic evolution up to the time it became a city. The type of population that settled down there, mainly since the fifties. The life story of a family from a slum is presented. The testimonial of two Social Workers characterizes the experience and the way of living of the Cabo Verde population in another slum.

Finally a description of the origin of the social exclusion of a fringe of the population and a conclusion concerning the Municipality.

Key-words: History of Amadora; Population; Migrants and Immigrants; Slums and rehousing quarters; Social Exclusion.

Achados arqueológicos dizem-nos existir vida humana na Amadora desde sempre.

Era uma região rica em água, caça, arvoredo, vento e um microclima ameno que contribuíram para a fixação de pessoas nesta região.

O termo “saloió” aparece na altura da fundação do Reino de Portugal, quando D. Afonso Henriques expulsa os Mouros da cidade de Lisboa e dá permissão a alguns para se instalarem fora das portas da cidade e trabalharem nos campos.

No século XIII aparecem documentos escritos sobre os lugarejos da localidade. Inicia-se a divisão de terras e a fixação de agricultores. A produção era encaminhada para os mosteiros e conventos cujos terrenos eram dados pelos monarcas à Igreja. Era considerada terra de bom “pam” devido aos ventos ideais para a instalação de moinhos.

No século XVI a Estrada Real, hoje Estrada de Benfica e Rua Elias Garcia era uma intensa zona de circulação entre Lisboa e Belas, Sintra, Ericeira daí o aparecimento de novas povoações como a Venda Nova onde

existiam casas de pasto e hospedarias de apoio aos viajantes.

No século XVIII é erguido o Aqueduto das Águas Livres que atravessa a aldeia da Damaia com os seus imponentes dezanove Arcos.

Nos séculos seguintes, a Porcalhota, como era assim chamada, torna-se procurada por famílias distintas para férias, por boémios e pândegos para as festas e petiscos. Pertencia ao Concelho de Oeiras desde 1759.

No século XX Delfim Guimarães diz da Amadora: "...Com a abertura dos caminhos de Ferro de Lisboa a Sintra, começou a ser procurada a Amadora como um local magnífico para edificações, fora do cerco das barreiras da cidade, em sítio aprazível, banhada pelos ventos que constantemente a lavam e que a tornam em extremo saudável..."

Em 1907 deixa de se chamar Porcalhota para se chamar Amadora.

Nascem as primeiras fábricas e os primeiros bairros operários na Venda Nova.

Torna-se freguesia autónoma em 1916. É já nesta altura uma zona rica em espaços de lazer levados a cabo por associações de Amadorenses.

Em 1937, é elevada a Vila.

Nos anos 30 e 40 com a industrialização e o enorme aumento demográfico que lotava de famílias o centro de Lisboa a, urbanização começa a destruir as primeiras quintas.

A partir de 1950, rompe um "boom" de migração para Lisboa. Muitos portugueses com a fome e as agruras que sofriam no interior

do país, partiam das suas terras para a metrópole, alguns com a 2ª classe, a maioria analfabetos.

Vinham trabalhar para as fábricas, construção civil ou para a Carris. A falta de habitação faz com que apareçam os bairros de construção clandestina. Em pouco tempo a localidade torna-se o maior dormitório da capital e a maior freguesia clandestina a nível Europeu. O bairro da Brandoa e Quinta da Lage fizeram-nos nº1 na Europa.

Era uma vez... "Um rapaz chamado Manel Silva, chegou a Lisboa em 1954 vindo de uma aldeia do concelho de Vila Flor em Trás-os-Montes. Tinha 12 anos, a roupa do corpo, a lembrança da fome e pancada que o pai lhe dava e da mãe sempre «de barriga», já tinha no rol 8. Trabalhava nas terras desde sempre, nunca conheceu a escola, às vezes fazia recados à governanta do padre da aldeia, uma mulher com um coração bondoso que lhe dava sempre uma fatia de pão com marmelada, era a única boa recordação da sua infância. Às vezes dáva-lhe uns tostões que ele foi guardando durante anos para o bilhete de comboio para Lisboa. Dizia-se na aldeia que o seu primo Ismael tinha um dia partido para a grande cidade e que de lá mandava notícias que era uma terra farta. Em Janeiro, não aguentando mais os rigores do Inverno, as bebedeiras diárias do pai e a tristeza resignada da mãe, planeou a sua fuga... Chegado a Santa Apolónia seguiu a pé junto ao rio, fascinado e assustado com

a grande cidade, tinha fome. O melhor era começar à procura de trabalho, tinham-lhe dito no comboio que na alfândega se arranjava. Depois de muito procurar, viu um grupo de estivadores que comiam e foi-lhes pedir, por amor de Deus, que lhe dessem um pedaço de pão, repartiram a sua merenda ante a cara de fome do rapaz. Disseram-lhe que o Sr. Nunes às vezes contratava rapazes a troco de comida. Dormiam num barracão e sempre que chegava um barco durante a noite eram chamados a ir para a faina.

Passado um tempo, foi com um colega para os lados da Venda Nova à fábrica da borracha. Contrataram-nos com dormida e um ordenado de 100 escudos por mês.

Conheceu Gertrudes aos 16 anos que trabalhava nas limpezas numa fábrica, tinha tal como ele vindo para Lisboa fugindo à miséria de uma aldeia do concelho de Torres Novas. Juntaram os trapinhos e arranjaram um quarto, ficou grávida do Zé logo de seguida. Dois anos depois Manuel parte para a guerra do Ultramar deixando a mulher novamente grávida. Volta em 74, arranja trabalho na construção civil como servente de pedreiro. Tem 20 anos, uma mulher, dois filhos, as recordações angustiantes da guerra e alcoolismo.

Começa a construir com as suas próprias mãos a sua casa no Bº da Quinta da Lage.

O Zé, seu filho mais velho tinha 6 anos quando foram habitar a nova casa. Havia muitas crianças e muito terreno à volta onde cultivavam as suas hortas e criavam animais.

Tinham voltado ao campo. Mas era fictício, era um dos “guetos” da cidade. Havia outro mundo fora que conheceu quando foi pela primeira vez para a escola, havia outros meninos que viviam em andares e que tinham água e luz. Adorava bater-lhes e despenteá-los, eles nunca seriam seus amigos, gozavam com a sua pronúncia do norte, falavam no Jardim Zoológico e na Feira Popular. Aos fins de semana ficava todo o dia na rua, a mãe lavava a roupa dos filhos e do marido encostada ao tanque. O pai passava o Domingo na taberna.

Não gostava da escola porque a professora lhe chamava «cabeça de burro», ansiava pela hora do intervalo em que a professora dividia o leite pelos alunos. Ficava muitas vezes a olhar para os prédios e sonhava que um dia também ia viver num. Nunca chegou a concretizar nenhum desses sonhos. Era um estrangeiro na cidade onde tinha nascido. Era um «miúdo das barracas» que adorava tocar a todas as campainhas dos prédios e chamar nomes pelo intercomunicador às pessoas que perguntavam «quem é?».

Tinham ganho novos hábitos que a cidade lhes oferecia: o anonimato, a discriminação, o ir «à bica» e perdido outros que o campo lhes dava: os serões a descascar milho, as festas do 15 de Agosto, «o pão por Deus», a ida à missa”.

No dia 11 de Setembro de 1979 é a Amadora elevada a concelho e cidade. Continua nesta altura o espírito associativo.

Em 1974, chegam os primeiros emigrantes vindos das ex-colónias. Apropriaram-se gratuitamente de terrenos junto à estrada militar e são construídos bairros de habitat degradado que são constituídos por pequenas casas, coladas entre si, com ruas labirínticas de 1 m de largura, sem água, luz e saneamento básico.

O Estado e a Câmara fecharam os olhos à construção desenfreada, sem meios de ajudar estas pessoas a integrarem-se na sociedade portuguesa. Ignorando que quando não existe integração há segregação e que esta leva à revolta e à marginalidade. Mas ninguém estava preocupado com os negros que trabalhavam nas obras e nas limpezas que falavam crioulo e ao fim de semana cultivam hortas em terrenos baldios. Ninguém conseguiu prever que os inúmeros filhos que estes emigrantes tinham, nunca se iriam integrar na sua própria terra. As escolas eram as primeiras a desintegrar, não tendo programas do ensino da Língua Portuguesa, fechando os olhos e anulando a cultura mãe destes miúdos. Mas havia algumas pessoas ligadas à defesa do cidadão emigrante, intelectuais cabo verdianos e algumas ordens religiosas que estavam atentas a este problema que se juntaram e fundaram associações de bairro.

Era uma vez... Em 1976, segundo o testemunho de uma Assistente Social, Paula, que trabalhou na fundação da Associação do Bairro 6 de Maio: “Na altura era urgente ocupar as

crianças do bairro enquanto as mães iam trabalhar. Culturalmente não aceitavam o planeamento familiar porque ter filhos era sinal de riqueza. Havia muitos casos de poligamia. Não sabiam ainda que aqui na grande metrópole os seus filhos não cresceriam livremente no campo e na praia. Desenvolviam-se em campos de betão e escombros malditos. Era importante brincar com estes meninos. Ensinar-lhes o Português. Mostrar-lhes a cidade e o mar que não conheciam. Foram criadas aulas de alfabetização. Sabíamos que era necessário integrar sem esquecer a cultura de origem incentivando a preservação dos seus usos e costumes. Hoje se eu quizer comer catchupa, ouvir uma morna, dançar uma kizomba posso fazê-lo no centro de Lisboa, fico contente com isso. Fico triste quando passo ao pé do bairro e vejo que após 30 anos as pessoas continuam a viver nas mesmas condições de habitação.”

Em 1992 Fátima estagiou na Associação “Mãos Unidas da Casa da Alegria” trabalhou com adolescentes na criação de diversos ateliers, quer de informação, quer de educação e cultura. Diz assim: “Apesar das condições de habitação em que viviam que se tornavam terríveis no Inverno, havia muita alegria no ar. A proximidade das casas promovia a solidariedade entre os vizinhos. Era bom caminhar pelos becos à hora de almoço em que o cheiro das fossas era disfarçado pelos guizados ao lume e a música que, com letras

tristes e ritmo de dança, oferecia ao ambiente momentos de alegria. Era possível esquecer por instantes os graves problemas que muitas famílias viviam. Os jovens de 2ª geração criados no bairro, na rua, entregues a si mesmos e aos irmãos mais velhos enquanto os pais trabalhavam muitas horas por dia, iniciam números assustadores de insucesso escolar, gravidezes precoces e tudo o que daí advém. Ainda me lembro da primeira actividade, um passeio a Belém e a travessia de Cacilheiro até à outra margem a ver o mar. Era a primeira vez que saíam para tão longe, netos das ilhas com os trópicos na massa do sangue nunca tinham visto o mar. No regresso a casa, ao pôr do sol, os corpos cansados insistiam num funaná ao som do “tijolo” já na exaustão.

Era uma vez... em 1977, numa pequena localidade do concelho de Loures na fronteira com Lisboa e com a Amadora palco de cerco militar em Abril de 1974, uma escola igual a todas as outras em Portugal de arquitectura Estado Novo, inserida dentro de um bairro operário dos anos 50.

A professora era uma velha senhora, ou aparentava ser (teria uns 50 anos), estatura baixa, cabelo grisalho preso num carrapito, usava roupa escura, saias travadas compridas e sapatos de homem. Era uma personagem protótipo tirada dos livros da Escola e da Igreja dos anos 40.

Então era assim: havia três filas de carteiras. Havia a primeira fila, que era dos bons alunos,

a segunda fila, dos “mais ou menos” e a dos “maus”.

É sobre a 3ª fila que me vou debruçar. Eram meninos que moravam na Azinhaga dos Besouros, bairro degradado que tem vindo a ser demolido desde 2005. Havia dois tipos de população nesse bairro, migrantes pobres do interior do país e imigrantes pobres vindos das ex-colónias maioritariamente de Cabo Verde. O denominador comum à chegada, é a pobreza e o desenraizamento cultural. A pobreza é um “handicap” não impeditivo de desenvolvimento pessoal, mas sem integração social activa ela é perpetuada, como se vem hoje a provar. Todos buscavam o trabalho e conheciam-no desde tenra idade.

No pós-25-de-Abril, Lisboa precisava de mão-de-obra para a construção de obras públicas e privadas com a esperança messiânica de que as grandes obras são o reflexo de um país em desenvolvimento, tradição desde os Descobrimentos. Eram necessários “braços” baratos para reerguer o país de 40 anos de ditadura.

E então, a velha professora, que era apelidada de “Conceição Maluca” não fazia um esforço para ensinar o Português aos meninos acabados de chegar de uma Ilha chamada Cabo Verde que apenas falavam crioulo. Ali ficavam na fila dos maus, assustados e sem perceberem nada, num país estranho com o Inverno que não conheciam. O insucesso escolar era assustador e a maior parte não chegaram a ir para o Ciclo Preparatório.

Não se sabia ainda que o caminho a seguir eram os Institutos de Reinserção Social, a prisão o alcoolismo, mais tarde o tráfico de droga e armas que existe hoje em grande escala dentro destes bairros. Tudo aquilo a que a não integração no país que acolhe pode levar.

No dia 11 de Setembro de 1979 é a Amadora elevada a concelho e cidade. Continua nesta altura o espírito associativo desta cidade. Nasce muitas novas instituições de carácter social.

O Diagnóstico Social do Município da Amadora elaborado pela rede social em 2008 diz-nos: "... o tecido social da Amadora é composto por assimetrias, fruto da existência de territórios e grupos vulneráveis que tornam o Município mais susceptível à emergência de problemas sociais".

A Amadora é um concelho que dentro de todas as dificuldades que tem vivido ao longo dos séculos tem tido sempre um enorme espírito associativo, com os mais variados técnicos a trabalharem empenhadamente no terreno na luta contra a pobreza e exclusão social.

O Bº da Estrada Militar, Casal de Alforneiros, Alto dos Trigueiros, Azinhaga dos Besouros e Fontaínhas estão neste momento completamente erradicados, por causa de uma estrada que se chama CRIL, que está em cons-

trução. A equipa de psiquiatria participou activamente no processo de realojamento de algumas famílias e isolados. Existem três novos grandes bairros de realojamento da C.M.A. o Casal da Boba, Casal da Mira e Casal do Silva que têm oferecido um melhoramento franco das condições de habitação das populações.

Neste momento ainda existem três Bairros de habitat degradado: Bº 6 de Maio, Alto da Cova da Moura e Stª Filomena. Ainda não se perspectiva a sua demolição.

Tem sido feito um esforço na criação de espaços de recreio e lazer, que também vêm melhorar a qualidade de vida da população Amadorenses. Em termos urbanísticos existe uma mescla de vários estilos arquitectónicos ao longo do século XX, considerado chocante ou aberrante a muitos olhos críticos. Se olharmos numa perspectiva histórica a Amadora podemos ver uma enorme beleza e uma vida própria.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Social para 2009/2011 "o desenvolvimento do município da Amadora tem dependido fundamentalmente... da implementação de uma rede social cada vez mais interventiva e que tem feito um claro esforço para integrar todas as instituições (públicas e privadas), num processo sólido de participação activa no combate à pobreza e exclusão social."

Bibliografia:

1. Silva, Alves da; artigo “Amadora – Um pouco de história” “Do outro lado da linha”, Centro Social do Bairro 6 de Maio, Amadora 2003.
2. Diagnóstico Social do Município da Amadora, Rede Social, Gabinete de Acção Social da Câmara Municipal da Amadora, 2008.
3. Plano de desenvolvimento Social para 2009/2011, Câmara Municipal da Amadora.